



A RELAÇÃO COMO ELEMENTO DE UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

Mateus Venâncio Lopes Souza
Universidade Católica Dom Bosco - UCDB

...
Eixo 3 - Educação, Trabalho e Emancipação

O presente trabalho tem como objetivo verificar os impactos causados no ambiente educacional em decorrência do distanciamento social, necessário, por causa da pandemia do Covid-19. O foco verte para a questão do distanciamento social constatando como este afeta o processo de aprendizagem. O estudo apropria-se para a análise de investigação a perspectiva da aprendizagem efetiva proposta por Theodor Adorno. As contribuições de Adorno (1985), Freire (2004), entre outros autores compõem o referencial teórico do presente trabalho, como artigos científicos que condizem à temática proposta. Com isso, é proposto um estudo teórico do processo educacional dentro da perspectiva histórico-crítica. A discussão se dará a partir da socialização como elemento importante no processo de aprendizagem e humanização, além de apontar quais as fragilidades evidenciadas pelo distanciamento social provocado pelo processo de socialização e aprendizagem.

A pandemia de COVID-19 é uma infecção respiratória provocada pelo Corona Vírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2). Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a COVID-19 como uma pandemia. Neste contexto, ela é transmitida de pessoa para pessoa, por gotículas de saliva, espirro, tosse, catarro, acompanhado por contato pela boca, nariz ou olhos, ou até mesmo, por meio de objetos e superfícies contaminadas (OMS, 2021).

Entre tantas estratégias adotadas para combater a COVID-19, a primeira medida adotada foi o distanciamento social, evitando aglomerações a fim de manter no mínimo um metro e meio de distância entre as pessoas, como também a proibição de eventos que ocasionem um grande número de indivíduos reunidos.

Diante da pandemia do novo Corona Vírus o Ministério da Educação (MEC) publicou a portaria nº 343, de 17 de março de 2020, que regulamenta as Instituições de

Ensino a substituírem aulas presenciais pelo ensino a distância (EaD) pelo prazo de 30 dias ou, em caráter excepcional, podendo ser prorrogada enquanto durar a pandemia (BRASIL, 2020).

As Instituições de Ensino atenderam as recomendações do MEC. A partir de então, passaram a cogitar um leque de novas oportunidades e estratégias de utilização das atuais Tecnologias de Informação e Comunicação a fim de dar continuidade nos processos formativos educacionais. Todavia, a relação pessoal, elemento considerado fundamental por nós no processo educacional, foi colocada em questão.

O contexto pandêmico evidenciado promoveu mudanças no processo de ensino-aprendizagem, o surgimento de novas técnicas e recursos para atender ao que é proposto pela educação permitiram um novo desenho do processo ensino-aprendizagem, o ensino remoto. Não muito distante observou-se uma educação que coisifica o indivíduo, transformando-o em máquina. Isso produz na pessoa uma insensibilidade, gerando um endurecimento da pessoa impossibilitando-a de estabelecer relação educativa. Tal situação gerada pelo distanciamento social e ensino remoto ocasionam pessoas indiferentes, pessoas que “cortam o amor pela raiz, antes que possa desabrochar em outras pessoas. O que nelas ainda sobrevive da capacidade de amar, elas precisam usar em coisas materiais” (ADORNO, 2012, p. 133).

Uma educação apenas em nome do progresso, do avanço tecnológico e do capital, é uma educação desumanizante. Onde as coisas, o produto, tem mais valor que o próprio ser humano. O ser humano fica transitório e perde seu valor para os objetos. Desta forma, “o progresso ameaça anular o que se supõe ser o seu próprio objetivo: a ideia de homem” (HORKHEIMER, 1976, p.6).

Para Adorno a crise da educação é uma crise de formação cultural, catalisada pelo capitalismo, que não educa, mas aliena. Prevalece então a semiformação, que sob o domínio da Indústria Cultural, conduz o sujeito a perda da subjetividade, fazendo com que todos sejam iguais, massifica o indivíduo e as relações, fazendo com que o elemento relação seja secundário ou inexistente.

O cenário sanitário-político-educacional no qual a sociedade brasileira mergulhou, assim como toda a humanidade, requer que políticas educacionais sejam adotadas e que as mesmas venham atender às necessidades pedagógicas de cada localidade. A forma direta de alcançar este objetivo é adotar ações pedagógicas que enfrentem o contexto de forma direta e eficaz. Medidas provisórias e paliativas não

sanarão a problemática que se tornou de longo prazo no panorama educacional brasileiro, com situações de aprendizagem adversas enfiadas no contexto de que a sociedade brasileira tem acesso a toda tecnologia de comunicação e informação necessárias para uma aprendizagem eficiente.

Nesta perspectiva ressalta-se a importância de se adotar uma pedagogia libertadora, que esteja fortemente preocupada com a formação humana do aluno, com a aprendizagem emancipadora que o liberta e tira da condição de oprimido. Para que esta pedagogia libertadora e emancipadora aconteça perante o processo educacional causado pela pandemia do Corona Vírus-19, faz necessário refletir e discutir todo este cenário sanitário-político-educacional a partir das contribuições de Paulo Freire e Theodor Adorno no que se refere a educação.

Para Adorno (2012), é preciso educar para a emancipação no sentido de dar autonomia e desenvolver a autonomia, numa via de mão dupla – educador-educando – e numa perspectiva democrática e transformadora, subvertendo os sistemas e promovendo a criatividade e a crítica. Contudo, não é tão clara tal questão e nem tão simples para os educadores tal processo, pois exige a ruptura de antigos paradigmas engessados, postos e mantidos por governos neoliberais que visam a educação tecnicista mantenedora da mão-de-obra barata que sustenta a economia de exploração.

Nesta perspectiva democrática e transformadora em que Adorno (2012) vislumbra a educação, pode-se atribuir que o empoderamento da pedagogia emancipadora acontece mediante políticas educacionais encenadas no cenário sanitário-político-educacional da localidade. A transformação social necessária perante o contexto pandêmico é preciso que ações pedagógicas provenientes de políticas educacionais sejam realmente emancipadoras e transformadoras, onde educador-educando realizem por meio do processo de aprendizagem as mudanças educacionais promotoras de emancipação.

Para Adorno (2012), a educação jamais pode fixar-se em modelos pré-estabelecidos, isto é, em modelos de ensino. Essa modelagem, de acordo com ele, formaliza a educação, o que a impede de se desenvolver, e, portanto, de tornar-se crítica de si mesma. Quando a escola não está aberta para refletir-se criticamente, ela se comporta tal como as fábricas, colocando-se distante do aluno e tratando estes como se fossem “objetos”. Esse “modelo” de educação que se pauta pela formalidade impede ao aluno de emancipar-se. Trata-se de uma visão educacional pautada por certo tipo de autoritarismo. A partir dele, o aluno é visto como aquele que não sabe, portanto, um ser

passivo; e, o professor, como àquele que tem a posse do saber, ou seja, um ser ativo (ZAMBEL e LASTÓRIA, 2016.p. 2205).

Para Paulo Freire (2004), a aprendizagem deve ser alicerçada na transformação que proponha uma pedagogia da esperança e da autonomia, da consciência do devir e da capacidade humana de mudar a história e ser livre. Para ele, é preciso desmistificar a ideia de que o educador é sujeito e o educando objeto, faz-se necessário, uma vez que, ambos são ativos no processo ensino-aprendizagem, conforme demonstrado na reciprocidade da frase: quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Conclui-se que a pedagogia crítica, emancipatória e libertadora acontecerá mediante a tomada de consciência de educadores e educandos no que se refere em assumir práticas pedagógicas que estejam diretamente relacionadas com a realidade escolar, atendendo as demandas da localidade por meio de políticas educacionais.

O distanciamento social promovido pelo cenário sanitário-político-educacional em decorrência da pandemia do Corona Vírus-19, aponta a real necessidade da retomada de práticas educacionais fundamentadas em teóricos críticos como Paulo Freire e Theodor Adorno, como promotores de uma pedagogia histórico-crítica emancipadora e libertadora.

PALAVRAS-CHAVE: Emancipação; Pedagogia Histórico-crítica; Políticas Públicas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

BRASIL. **Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Corona vírus - COVID-19. D.O.U 18/03/2020. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em: 28 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra; 2004. Coleção Leitura.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. Trad. de Sebastião Uchôa Leite. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

OMS. Folha informativa sobre COVID-19. Disponível em:
<<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 28 jul. 2021.

ZAMBEL, Luciana. LASTÓRIA, Luiz Antônio N. Educação e emancipação em T. W. Adorno: contribuições para a formação de professores. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 11, n. 4, p. 2205-2218, 2016. Disponível em:
<<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/download/8794/6054/25069>>
Acesso em: 28 jul. 2021.